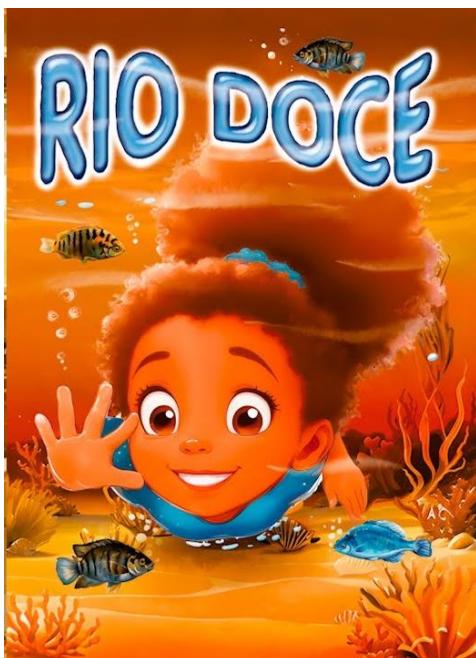


JORDEM, NEUSA. *RIO DOCE*. SERRA: JORDEM, 2024.



(Foto sem crédito)

Neusa Jordem*

* Neusa Maria Jordem Almança Possatti é escritora (Muniz Freire, 1962), membra da Academia Feminina Espírito-santense de Letras (AFESL). Autora sobretudo de literatura para crianças e jovens: *Perdidos na floresta* (2001), *Ciça* (2002), *De cabelo em pé* (2004), *Minha rua* (2006), *Verde que te quero ver* (2008), *Chiro* (2009), *Lendas de assombração* (2009), *Lendas de assombração em cordel* (2009), *Menina inventada* (2009), *As montanhas azuis* (2010), *Cão e gato* (2010), *Ciça e a melhor do mundo* (2012), *Ciça e a rainha* (2012), *História de uma escadaria* (2012), *Ciça boa de bola* (2015), *Ventania* (2018), *Menina reinventada* (2018), *Vovô e o mar* (2019), *A mulinha Bebel* (2021), *A minha janela* (2021), *Katu e sua taba* (2021), *O meu melhor amigo* (2021), *Panela de barro* (2022), *A bailarina* (2022); *Uçá, o caranguejo indefeso* (2022), *A bola peluda* (2022), *Um lar para Ciça* (2022). Além disso publicou romances, *Difícil conquista* (2002) e *Duas vidas* (2003); poemas, *Um abraço* (2010), e crônicas, *A outra* (2004).

Sou escritora de literatura infantil, juvenil, de contos, crônicas e romances. Tal variedade de produção de gêneros literários me propiciou a publicação de mais de sessenta títulos por editoras do Espírito Santo, São Paulo e Rio de Janeiro. Esse percurso pela escrita criativa — e, mais eventualmente, pela ilustração — vem sendo acompanhado de uma série de atividades acadêmicas, como a pós-graduação em Linguagens, Línguas e Literatura (Faculdade Saberes, ES), e culturais, como a de oficineira da palavra, contadora de histórias, em diversas instituições públicas e privadas, e, mais recentemente, de editora.

Um dos meus títulos mais conhecidos, *Ciça* (2002) — de que derivou uma série de livros com a mesma personagem — foi publicado no catálogo da maior feira de livros do mundo, a Feira de Livros de Frankfurt, na Alemanha.

De Muniz Freire, cidade natal, trago as primeiras vivências de leitora e escritora.

Meus livros, em sua maioria voltada para o público infantil e juvenil, sugerem ou expõem por meio da ficção essa vivência. Um exemplo mais recente é *Menina reinventada* (2018), que nasceu da necessidade de transformar a dor em palavra e a ausência em criação. A personagem Marina surge como invenção literária, mas também como espelho de uma autora que, diante da perda, encontra na ficção um caminho para resistir. Marina quer existir, insiste em ser escrita, deseja uma casa, um jardim, uma vida. Sua voz é a metáfora da criança que nasce da imaginação e, ao mesmo tempo, da esperança.

Assim, o livro transcende a simples narrativa: é uma reflexão sobre a potência da literatura em reconstituir laços, reinventar memórias e semear novas possibilidades de futuro. Cada página é atravessada pelo diálogo entre autora e personagem, mostrando que escrever é também um ato de sobrevivência, de reinvenção e de amor.

Nesse sentido, *Menina reinventada*, como outros trabalhos meus, se aproxima do trabalho autobiográfico e da escrita de si, uma vez que abro espaço para que minha própria experiência — marcada pela perda de um filho e pela necessidade de reelaborar essa ausência — se entrelace à construção da personagem. A fronteira entre ficção e memória se dissolve: Marina não é apenas fruto da imaginação, mas uma extensão de mim própria, um outro eu, reinventado no papel para suportar a dor e recontar a vida.

Um outro aspecto da minha literatura diz respeito a pontos de vista que aprecio e desejo compartilhar. Quando escrevi *O meu melhor amigo*, por exemplo, eu queria muito mais do que contar uma simples aventura de infância. Desejava tocar o coração de cada leitor com a beleza da amizade verdadeira, aquela que se constrói no silêncio dos gestos e na pureza dos sentimentos. Vicente, meu pequeno protagonista e neto, na época tinha apenas dois anos. Seus pés ainda vacilam na terra batida do quintal, mas sua curiosidade já corria solta, atraída pelos cheiros, cores e mistérios da natureza. Foi nesse caminhar titubeante que ele descobriu o mundo, e, ao mesmo tempo, descobriu também a força do afeto que o acompanha. Pois não estava sozinho: Peludo, seu cão leal, vigiava, protegia e aquecia — um guardião silencioso, herói de quatro patas que traduziu em presença o sentido mais profundo da amizade.

Ao narrar essa história, usei da mesma estratégia para compor meus livros: busquei enxergar o mundo pelos olhos de uma criança: tudo é maior, mais intenso, mais vivo. As árvores são gigantes que dançam ao vento, a floresta é um convite ao mistério, e o chão de folhas macias transforma-se em tapete de aventuras. Essa ampliação da vida pela lente infantil é também uma forma de lembrar ao adulto-leitor que o encantamento ainda pode ser reencontrado, basta reaprender a olhar.

A amizade entre Vicente e Peludo é o coração pulsante do livro. Ela não precisa de palavras: é feita de passos compartilhados, de aconchego no frio da madrugada, de confiança plena. Ao escrever, senti que essa relação representava

não apenas o vínculo entre menino e cachorro, mas também a metáfora daquilo que todos buscamos — alguém que nos guarde, nos acompanhe, nos proteja com amor incondicional.

Mais do que um conto infantil, *O meu melhor amigo* é um convite à memória. Ao lê-lo, cada um pode recordar sua própria infância: os primeiros vínculos de afeto, a amizade com um animal, uma travessura inesquecível ou aquele sentimento de segurança que só os laços verdadeiros proporcionam. É um lembrete de que, mesmo no mundo adulto, precisamos preservar essa certeza simples e essencial: o amor é sempre um porto seguro.

Escrever este livro foi, para mim, como oferecer um abraço em forma de história. Um gesto de ternura para as crianças que o leem hoje e, também, para os adultos que, ao reencontrarem a sua criança interior, percebem que ainda podem confiar nos laços mais puros da vida.

Mas, além da vivência e da recordação, observadas nos outros livros, escrever para crianças é também um gesto de esperança e, não menos, um ato político.

Em *Rio Doce*, premiado pelo edital Secult-ES 2023, aquele gesto acontece quando transformo em narrativa infantil um acontecimento que marcou profundamente nossa história recente: o rompimento da barragem de Fundão, em 2015, que espalhou lama, dor e silêncio pelas margens do rio e do mar. Entre perdas e cicatrizes, nasce a voz de Maria Una, menina que representa o afeto, a coragem e a capacidade de resiliência dos povos ribeirinhos.

Ao escrever *Rio Doce*, mergulhei em uma narrativa que me fez reencontrar a pureza e a força simbólica da infância. A história de Maria Una — a menina falante, curiosa e destemida que vive às margens do Rio Doce — me envolveu desde as primeiras linhas escritas. Busquei conduzi-la com um olhar de encantamento, capaz de transformar o cotidiano simples da Vila em um território

mágico, onde o rio, os bichos e as pessoas convivem como parte de um mesmo organismo vivo.

Construí propositadamente uma linguagem fluida, musical e impregnada da oralidade típica das comunidades ribeirinhas. As frases curtas e o ritmo quase cantado que fizessem lembrar as histórias contadas à beira do fogo ou nas noites de lua cheia, quando a palavra circula como herança e afeto. Com um lirismo delicado nas descrições do ambiente, especialmente quando Maria Una observa o rio que passa em frente à sua casa: “O Rio Doce passa na frente da casa da Maria e no quintal tem um manguezal...”. Essa imagem que nos faz sentir a presença viva das águas, como se estivéssemos ali, ouvindo o murmúrio do rio.

As ilustrações de Sérgio Marvila dialogam com o texto de forma encantadora. As cores vibrantes e os traços expressivos parecem expandir a história, convidando o leitor a explorar o território onde a menina vive. A fauna e a flora são retratadas com tanta intensidade que quase se pode ouvir o som dos pássaros, o estalar das folhas, o mergulho dos peixes. Senti que as imagens não apenas ilustraram, mas respiraram junto com o texto, compondo um cenário que celebra a natureza em toda a sua vitalidade.

Maria Una, para mim, representa muito mais do que uma criança aventureira: ela é símbolo de coragem, sabedoria e pertencimento. Sua relação com o Rio Doce é de cumplicidade e respeito — uma metáfora da relação que nós, seres humanos, deveríamos ter com o meio ambiente. Ao construir o texto sobre mergulhar nas águas escuras do rio sem medo, ela me fez pensar sobre o valor de enfrentar o desconhecido com confiança e curiosidade.

Rio Doce quer e se quer uma obra que transcende os limites da literatura infantil. É um manifesto poético sobre a necessidade de preservar o que nos sustenta — a água, a terra, os animais e a memória coletiva, unindo ternura e consciência,

poesia e denúncia, tradição e modernidade. Com uma escrita leve, mas profunda; simples, mas repleta de significados.

Ao refletir sobre *Rio Doce*, percebi o quanto reafirmo sua força literária ao entrelaçar sensibilidade e consciência ambiental. Uma narrativa que se insere com naturalidade no panorama da literatura infantojuvenil contemporânea que dialoga com temas ecológicos e identitários, sem abrir mão da imaginação. Senti que cada página escrita convida à escuta — do rio, da menina e de nossas próprias memórias de infância. A harmonia entre texto e imagem, a sonoridade da linguagem e a simbologia da protagonista constroem uma obra que educa pela emoção e encanta pela beleza. Publicado em 2024, *Rio Doce* confirma meu amadurecimento autoral, e me faz acreditar que, enquanto houver histórias como esta, o rio continuará vivo — dentro e fora de nós.

Ao contar a vida dessa criança que cresce à beira do rio, com sua fauna, sua flora e sua gente, proponho mais que uma história: ofereço um espaço de pertencimento. A literatura, aqui, cumpre o papel de memória e de educação ambiental, revelando às novas gerações que o rio não é apenas água que corre — é casa, alimento, cultura, identidade. As ilustrações de Sérgio Marvila acompanham esse relembrar e alertar que as palavras propõem.

Rio Doce é um convite à escuta. Escuta do rio que pede cuidado, das vozes que nele habitam e da esperança que insiste em brotar, mesmo diante da lama. Escrevê-lo foi um gesto de amor e de resistência; lê-lo é também um ato de cidadania e de afeto.

Recebida em: 22 de setembro de 2025.
Aprovada em: 3 de outubro de 2025.